

## Currículo de história na web: uma abordagem discursiva narrativa histórica escolar em ambientes hipertextuais

Fábio Dias Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho é fruto da dissertação de mestrado “Currículo de história na web: uma abordagem discursiva de propostas da Educopédia para o ensino de história”. Esta pesquisa apresenta um estudo da narrativa histórica escolar elaborada em ambientes virtuais de aprendizagens. Para esta apresentação realizei um recorte na parte da análise que tem como objeto as narrativas históricas escolar em ambientes virtuais hipertextuais. Nela, aposto na potencialidade em uma apropriação da teoria ricoeuriana, mais especificamente dos conceitos de narrativa histórica e círculo hermenêutico. Com esse referencial teórico, levanto algumas questões que considero potentes para debates acerca da escrita e leitura da História escolar a partir mídias.

**Palavras-chave:** Hipertexto, Narrativa Histórica Escolar, Círculo Hermenêutico

### Introdução

Esse texto foi forjado a partir da minha dissertação de mestrado “Currículo de história na web: uma abordagem discursiva de propostas da educopédia para o ensino de história”. Esta pesquisa apresenta um estudo da narrativa histórica escolar elaborada em ambientes virtuais de aprendizagens e ao longo de seu desenvolvimento questões epistemológicas surgiram acerca do conhecimento histórico escolar hipertextual.

Este artigo tem seu foco em uma questão que é utilizada como norte para as propostas teóricas realizadas: como o *hipertexto* afeta a narrativa histórica escolar? Que desdobramentos essa forma de escrita trás para a história ensinada? Partindo destas, aposto na potencialidade do círculo hermenêutico ricoeuriano para a análise de narrativas históricas escolares em plataformas hipertextuais.<sup>2</sup> Nesse sentido, na próxima sessão, apresento brevemente a definição de hipertexto e as características deste que serão enfatizadas nesta argumentação. Posteriormente apresento as apropriações dos conceitos de *narrativa histórica* e *círculo hermenêutico*, de Paul Ricoeur (2012) por mim utilizados, para, por fim, argumentar sua potencialidade na interpretação do processo de ensino/aprendizagem histórico a partir de hipertextos.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do Grupo de Estudo Currículo, Cultura e Ensino de História (GECCEH) do Núcleo de Estudos de Currículo (NEC) / UFRJ.

<sup>2</sup> A teoria ricoeuriana é elaborada com o foco em produções textuais; logo, utilizá-la como chave de leitura para escritas hipertextuais constitui uma adaptação e uma proposta.

## **Implicações do *hipertexto***

O termo *hipertexto* é aqui fixado para definir uma escrita não-sequencial na qual o texto se ramifica e oferece ao leitor possibilidades de caminhos de leitura. Trabalho com esse conceito para interpretar a escrita em ambientes digitais, nos quais o texto não se limita necessariamente ao corpo textual, podendo se expandir se articulando a outros textos.

Essa capacidade de estabelecer *links*<sup>3</sup>, entretanto, não é nenhuma inovação em uma cultura escrita, pois textos se referenciam e dialogam. Um exemplo que pode ser ilustrativo é o de enciclopédias. Como funciona a narrativa em uma enciclopédia? Esse tipo de obra contém diversas narrativas que não têm uma relação direta ou linear, mas que se referenciam entre si e permitem que o leitor relacione-as. Esta possibilidade permite que ele seja configure alguns elementos do texto que lê, como a seleção de temas, a ordenação de parte do textos, sua extensão. A escolha entre uma leitura pontual e curta para uma complexa e densa sai do controle do autor de determinado artigo. Qual é, então, a mudança significativa que o hipertexto permite? Ora, se o hipertexto articula, *linka*, diferentes textos, o que ele faz é basicamente permitir que essa articulação se dê de forma imediata, mais intensa e abrangente. Considero que o cerne da questão não está na possibilidade, ou não, de o leitor configurar sua leitura, mas na intensidade dessa configuração.

Mesmo em textos construídos na lógica de uma enciclopédia ou de livros didáticos, com artigos que apresentam um fechamento narrativo e, ao mesmo tempo, permitem e sugerem possíveis articulações textuais, estimulando a extensão da leitura em seu próprio espaço, esses ainda são limitados à materialidade de um livro. Para além disso, existe a exigência de uma coerência entre esses textos. Neles se constroem intrigas que relacionam seus textos – e os elementos presentes nesses – de acordo com referenciais teóricos e paradigmas selecionados na organização. Não é porque um aluno pode ir e vir em segmentos de um livro didático que ele é hipertextual. Essa característica narrativa é muito mais antiga do que o hipertexto.

Os *links* que constituem o hipertexto trazem uma mudança significativa, no sentido de que, em uma única plataforma, é permitido que o leitor navegue por esses *links* em um tempo irrisório. Portanto, a dinâmica espaço-tempo da prática de leitura é modificada sensivelmente.

Para efeito de comparação com os exemplos acima, um sítio construído com a

---

<sup>3</sup> *Link* é um termo que significa ligação, elo, vínculo, em inglês. Quando relativo a sistemas hipertextuais este é utilizado para referenciar a característica de ligação hipertextual que pode ser realizada entre locais diferentes da mesma página ou documentos, ou entre páginas e documentos diferentes.

dinâmica hipertextual tem menor limitação material, pois confere maior facilidade de criação de *links* com um sem-número de textos. A lógica colaborativa da Rede faz com que esse material seja crescente e dinâmico, como se pode ver nas *wikis*, por exemplo. Indo além, as ferramentas de pesquisas disponíveis na Internet abrem o leque de possíveis caminhos de leituras, por diversos sítios, sem a necessidade de uma articulação lógica. A *Web* é colaborativa, pouco regulada e a quantidade de conteúdo acessível e de relações possíveis é, em um termo prático, infinita.

A partir desta argumentação, defendo que a Rede e as ferramentas de produção intelectual por elas disponibilizadas não podem ser consideradas apenas um aparato didático-instrumental para a pedagogia. Acredito ser necessário refletir o currículo a partir de reflexões focadas nas especificidades desses processos de produção e interação com o conhecimento mediados por novas tecnologias. Dentro dessa perspectiva, aposto na teoria hermenêutica ricoeuriana como chave de leitura potente para análise da narrativa histórica escolar hipertextual.

### **Referencial Teórico-metodológico: a potencialidade heurística dos conceitos narrativa histórica e círculo hermenêutico de Ricoeur**

Em sua obra *Tempo e Narrativa* (2012) Ricoeur realiza uma densa reflexão que articula contribuições de três campos do conhecimento: a historiografia, a crítica literária e a filosofia fenomenológica. Nesta obra ele interpreta a configuração da *narrativa histórica*, enfatizando as especificidades desta, e como essa adquire significado no mundo, dialogando com autores da hermenêutica<sup>4</sup>. Para apresentar, de forma sintética, os elementos desta teoria que me aproprio tomo como ponto de partida o *círculo hermenêutico* de Ricoeur.

Para esse autor, o processo de significação textual é esquematizado em um círculo hermenêutico composto por três *mímesis*, termo que pode ser associado a representações, refigurações, quase imitações. A noção de imitação, no entanto, não pode ser associada a uma ideia de duplicação da presença ou se partir de uma premissa de um real pré-existente. Ricoeur defende que as palavras produzem “quase-coisas”.

A partir disso, ele constrói um modelo hermenêutico trifásico para compreender a

---

<sup>4</sup> Para leituras mais aprofundadas ver Ricoeur (2012), Gabriel (2012), Gabriel & Monteiro (2007) Reis (2006), Barros (2011).

elaboração textual. Esse é composto por três *mimesis*: *mimesis 1 (M1)* se refere à transposição “metafórica” realizada na constituição de um texto; *mimesis 2 (M2)* é a da criação, é a constituição do texto, a articulação da narrativa em uma organização lógica; e a *mimesis 3 (M3)*, por fim, representa a compreensão do leitor. Esse círculo hermenêutico pretende estudar o texto articulado ao seu impacto no plano cultural e, conseqüentemente, no “viver” das pessoas (RICOEUR, 2012).

O que Ricoeur chama de *mimesis I (M1)* constitui a prefiguração do campo prático, na qual existem prenarrativas necessárias para a configuração textual. Esse primeiro movimento representa o campo simbólico e prático “estabelecido” ou a “pré-compreensão do mundo”. “Imitar ou representar a ação é, em primeiro lugar, pré-compreender o que é o agir humano. É nessa pré-compreensão, comum ao poeta<sup>5</sup> e a seu leitor, que se delineia a construção da intriga.” (*Ibidem*, p.112)

Essa prefiguração do campo prático pode ser compreendida como o campo cultural, ou discursivo. É possível citar, por exemplo, como tradições culturais - cristã, germânica, ibérica, anglo-saxônica – ou paradigmas - que regem processos de significação ao apresentar regras para a construção da narrativa.

Ricoeur localiza a *mimesis II (M2)* em uma posição intermediária, pois foca em sua função mediadora, derivada do dinamismo da *operação de configuração*. Para Ricoeur o autor configura sua narrativa selecionando elementos e organizando-os de forma lógica. O autor deve garantir que o elementos tenham uma relação de necessidade ao longo da narativa e que esta tenha uma totalidade, para ter significado. O autor constrói tramas, íntrigas, que exercem em seu campo textual uma função de integração (RICOEUR, 2012). Para Ricoeur a elaboração narrativa é uma síntese do heterogêneo na qual o autor atribui unidade à elementos diversos e dispersos. Com essa perspectiva que ele articula tempo e narrativa. Para Ricoeur, esses elementos têm uma relação dialética na qual ambos se constituem. “O tempo se torna tempo humano na medida que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal” (RICOEUR, 2012, p. 9).

Ao realizar essa articulação, Ricoeur defende que a *narrativa* tem uma temporalidade

---

<sup>5</sup> Ricoeur utiliza reflexões da *Poética* de Aristóteles para construir sua tese. Nela, o papel do historiador e do poeta é semelhante em função da configuração narrativa, o que não implica e uma relação de equivalência entre a narrativa histórica e a literária.

própria. A essa elaboração fixa no texto os elementos selecionados dentro da temporalidade lógica da narrativa. No caso da *narrativa histórica*, esta contrói uma temporalidade que faz a mediação entre dois outros tempos: o tempo cósmico (objetivo) e o tempo vivido (subjetivo).

O historiador, então, confere sentido a episódios históricos, conduzindo o leitor a uma conclusão, através de uma organização lógica desses, que deve ser aceitável, plausível. A sucessão episódica construída na intriga histórica deve ter totalidade e impor aos “fatos” um sentido final. Como Ricoeur afirma, a narrativa só pode ser inteligível se for temporal.

Para Ricoeur, tanto a narrativa histórica como a narrativa ficcional buscam trabalhar com um “terceiro tempo”, que é bem sucedido e, produzir uma mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Estaremos aqui, então, diante de um tempo histórico que é simultaneamente o tempo da experiência humana de cada indivíduo que integra a trama, mas que também os ultrapassa e a todos abrange em um arco mais amplo; no limite, além de constituir-se em tempo individual que se abre à narrativa de cada vivência, o tempo histórico é também a narrativa da espécie humana. (BARROS, 2011, p. 9)

Esse terceiro tempo é configurado na trama, na intriga, construída pelo historiador. Essa intriga se constitui na organização e articulação de elementos dispersos com o fim de atribuir sentido a esse sistema. É estabelecendo uma “concordância das discordâncias” – ideia que compõe o modelo trifásico de construção histórica – das experiências vividas que o historiador atribui fechamento, unidade, significado, a vivências e documentos, à pluralidade e heterogeneidade social. (BARROS, 2011).

Esses elementos dispersos, que são articulados na configuração narrativa, estão postos na M1. Nesse sentido, a M2 tem a função fazer a mediação entre M1 e M3, entre a prefiguração do campo prático e a interpretação do leitor. É na *mimesis* III que o texto adquire seu sentido pleno. É esse que vai atribuir significação ao texto, a partir de sua subjetividade, de sua vivência, de sua tradição particular. É o leitor o responsável pela refiguração do texto na M1, reiniciando o círculo hermenêutico. Nesse sentido, a M3 é a mediação da M2 e M1. É na M3 que tempo e narrativa se cruzam e a História retorna e configura o “viver”.

Essa proposta de Ricoeur, que estrutura nesse modelo trifásico uma maneira de ler como textos adquirem sua significação no mundo, pode servir para analisar impactos da leitura hipertextual em processos de significação. Com esse aporte teórico que proponho uma leitura epistemológica da narrativa histórica hipertextual.

### **Interpretando a narrativa histórica escolar a partir de Paul Ricoeur**

Se, no *círculo hermenêutico* de Ricoeur, o autor é responsável pela organização do heterogêneo em uma lógica explicativa que lhe garante totalidade, em narrativas hipertextuais pressupõe-se que o leitor também é responsável pela ordenação textual que vai compor sua leitura, escolhendo seus caminhos temáticos, o que constitui uma segunda organização narrativa.

Na elaboração hipertextual existe outra forma de organização, uma que é exterior ao corpo do texto, referente aos *hyperlinks*. Cada articulação que o autor faz pressupõe outro caminho de leitura, ou seja, propõe outra organização possível para a narrativa que está sendo lida. O leitor faz escolhas ao longo do hipertexto e, caso vá por outro caminho, ele imediatamente transforma a organização narrativa. Isso permite práticas de escrita e leitura que conferem ao leitor autonomia, fazendo desse co-organizador da narrativa em questão.

A partir do quadro teórico de Ricoeur, não é possível afirmar que o leitor passa a configurar na M3 uma outra organização narrativa, a partir de suas subjetividades e seus interesses? Ainda, não seria possível repensar a elaboração lógica que o autor cria para garantir inteligibilidade ao texto, a partir de *necessidade* e *totalidade*? A totalidade necessária, que pressupõe um fechamento para o texto, fica menos determinada em um hipertexto.

O caráter relacional que o hipertexto tem com outros hipertextos o coloca em uma *teia* e isso traz a necessidade de mais uma estruturação no processo M2 de uma configuração hipertextual. Construir as relações que o texto vai fazer com outros textos altera a própria noção de totalidade da narrativa, pois pode-se falar em uma totalidade hipertextual, uma totalidade que a rede de textos conectados tem. Essa configuração narrativa não estimula o leitor a uma nova seleção e organização de elementos de sua leitura? Ele pode estender sua leitura por incontáveis caminhos de forma ininterrupta e conta cada vez mais com ferramentas de busca que procuram facilitar tal atividade.

Embasado nesta perspectiva, levanto a possibilidade de interpretação de uma segunda modalidade de organização narrativa entre hipertextos, realizada pelo leitor, ao seguir pelos caminhos oferecidos ao longo do hipertexto. Isso implica questões para a elaboração narrativa (M2) e para a leitura narrativa (M3).

Ao interpretar essas características da escrita/leitura hipertextual a partir de Ricoeur, levanto a hipótese de haver uma ampliação do papel do leitor no círculo hermenêutico nessa modalidade narrativa. Podemos estar diante de um processo de transformação epistemológica, assim como os que a escrita e a imprensa protagonizaram. As práticas de produção de conhecimento podem levar à própria mudança do conhecimento construído. Se as práticas de leitura online estão levando a configurações narrativas menos extensas, mas que, em contrapartida, oferecem diversos caminhos possíveis para a continuação da leitura, isso implica práticas de escrita e leitura próprias. Limitei-me, nesta reflexão, a essa característica de hipertextos, no entanto essa problemática ganha proporções mais amplas se realizada a partir de ferramentas de pesquisa disponíveis na *Web*, que expandem a possibilidade de leitura massivamente, ainda na mesma plataforma e de forma instantânea .

No caso da *narrativa histórica*, escolar ou acadêmica, a temporalidade narrativa ganha diversas possibilidades a partir das escolhas do leitor. A organização temporal do texto sofre deslocamentos de acordo com a reorganização possível na M3 em leituras de hipertextos. Um leitor, em uma página hipertextual, pode seguir sua leitura para diversas temporalidades, de acordo com seu interesse. Mesmo que o texto siga uma narrativa linear e cronológica, se ele estiver “*linkado*” a outras páginas, com temáticas de outros tempo, sua leitura não é necessariamente cronológica ou linear.

Essa perspectiva vai ao encontro de outros estudos do que focam o ensino de história. Gabriel e Monteiro (2012), nas quais me embaso, exploram a potencialidade heurística do conceito de *narrativa histórica* para estudos acerca do ensino de história. Essas autoras apontam, que a abordagem de Ricoeur permite trabalhar questões relativas à temporalidade e aos objetivos da história ensinada.

a formação de enredo, no caso da narrativa histórica traz a possibilidade de apreendê-la como estando sempre aberta a múltiplas inteligibilidades produzidas no encontro entre o mundo do texto ( a história ensinada nos livros didáticos e/ou nas aulas dessa disciplina, por exemplo) e o mundo do leitor (as diferentes subjetividades posicionadas como alunos/as de história em contextos escolares). (GABRIEL & MONTEIRO, 2012, P. 202)

Nesse sentido, acredito a problematização do hipertexto a partir dos conceitos de *narrativa histórica* e *círculo hermenêutico* oferecem perspectivas potentes para a análise de uma modalidade de escrita e leitura que é cada vez mais presente na sociedade brasileira e colocam novas questões para a reflexão da histórica ensinada.

Se na M2 a elaboração narrativa textual se dá por meio da organização lógica em uma estrutura temporal, a elaboração dos *links*, em uma narrativa hipertextual, constitui outra mediação realizada pelo autor. A configuração dos *links* de um texto com outros faz parte do processo de autoria, no sentido que organiza elementos da narrativa, mesmo que sejam possibilidades de saída do texto. O responsável por essa elaboração tem questões para lidar e escolhas para fazer nesse processo. Como uma narrativa pode se vincular a outra sem perder sentido para o leitor? Que textos corroboram o sentido que o texto que está sendo configurado fixa? Que termos/temas serão selecionados como possibilidade de continuação de leitura? Em suma, como o hipertexto pode ser frutífero para os objetivos disciplinares da História Escolar e que obstáculos ele impõe ao processo ensino/aprendizagem histórico?

### **Considerações Finais**

Acredito que a perspectiva teórica proposta por Ricoeur pode oferecer um caminho fecundo para a interpretação da escrita e leitura hipertextual, apostando na potencialidade de se tomar reflexões acerca da elaboração narrativa para a criação de procedimentos didáticos que permitam uma leitura hipertextual crítica. Esta perspectiva levanta questões para este debate no campo. Como é possível estruturar o tempo de forma inteligível utilizando hipertextos? Como explorar a potencialidade dessa nova modalidade narrativa para a configuração da narrativa histórica escolar? Que cuidados são necessários ao se expandir o currículo a narrativas hipertextuais? Que critérios devem ser estabelecidos para que páginas da *Web* sejam fixadas como curriculares? Como explorar o oceano informacional que a Rede comporta como fonte para a História escolar? Como o *tempo histórico* é configurado em hipertextos? Como utilizar as ferramentas digitais que surgem todos os dias para atingir os objetivos dessa disciplina? Como problematizar a Rede historicamente como uma fonte de informações e conhecimento?

Aposto, por fim, na potência do diálogo entre as contribuições teóricas das pesquisas em ensino de história que focalizam a estrutura temporal (narrativa na perspectiva do ciclo hermenêutico) desse conhecimento e os estudos das TICs. Uma leitura dos desdobramentos dessas em processos de produção de conhecimento e de configuração discursiva levanta questões sociais e epistemológicas que são cada vez mais incontornáveis para campos científicos e pedagógicos.



## **Referências**

BARROS, José D'Assunção. Paul Ricoeur e a Narrativa histórica. História, imagem e narrativas. Rio de Janeiro, n.12, p. 1-26, abr, 2011.

DIAS, Fábio. **Currículo de história na web: uma abordagem discursiva de propostas da educopédia para o ensino de história**. Rio de Janeiro, 2014. 181f.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2014.

GABRIEL, C. T. **Teoria da história, didática da história e narrativa: diálogos com Paul Ricoeur**. In: Revista Brasileira de História, vol. 32, nº 64, 2012.

GABRIEL, C. T. e MONTEIRO, A. M. F.C. **Currículo, ensino de história e narrativa**. In: 30ª reunião da ANPED, 2007, Caxambu. 30ª Reunião da ANPED, 2007.

REIS, José Carlos. **Tempo, História e Compreensão Narrativa em Paul Ricoeur**. Locus, vol.12, nº1, jan/jul 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF martins Fontes, 2012.

ROSENZWEIG, Roy & BRIER, Steven. **Historians and Hypertext, Is It More Than Hype**. AHA Perspectives, 1994.